

O CAMPO LEXICAL DOS VERBOS DE AÇÃO RELACIONADOS AO “ATO SEXUAL” PRESENTES NAS CANTIGAS SATÍRICAS GALEGO-PORTUGUESA DIRIGIDAS AOS RELIGIOSOS

Itatismara Valverde Medeiros (PPLG / UFBA)

INTRODUÇÃO

O trabalho ora apresentado visa, inicialmente, uma abordagem sociocultural da sexualidade no contexto religioso na Idade Média, com a finalidade de favorecer a compreensão do conteúdo das unidades léxicas da sexualidade registradas nas cantigas de escárnio e maldizer, além de se ter uma visão crítica do contexto sócio-histórico e de detectar aspectos atinentes à mentalidade do homem medieval a propósito da referida temática.

Há, na história, períodos de abalo e agitação, durante os quais as normas e os valores aceitos pela sociedade são questionados decisivamente, desencadeando uma explosão de novas idéias, formas, crenças e modelos de comportamento. Segundo Richards (1993, p. 13), os séculos “[...] assistiram a um crescimento de auto-expressão na religião e na sexualidade, com homens e mulheres buscando, explícita ou implicitamente, maior acesso a Deus e maior controle de seus corpos”.

Segundo Le Goff (2002, p. 477) “de todas as funções do mundo, a sexualidade é, ao mesmo tempo, a mais pessoal, a mais vital e também a mais normatizada nas sociedades antigas, uma vez que as estruturas de parentesco e, mais ainda, toda a organização social estão embasadas na codificação das relações sexuais”. Segundo Le Goff e Truong (2006), já estando os comportamentos enraizados desde a Antiguidade greco-romana, caberia ao Cristianismo sua legitimação, dentro dos moldes civilizadores da sociedade medieval, pois, como se sabe, durante muito tempo, o “tabu sexual” e a negação do prazer foram reprimidos, de modo enérgico, pelo pensamento e pelos ensinamentos cristãos, na civilização ocidental, pois para os homens e mulheres da Idade Média o Cristianismo era uma religião de salvação. A necessidade de fixar, com precisão, as regras da nova fé tornou-se, então, premente. A Igreja utilizou-se das inquietações do homem medieval, diante de “tempos tão confusos”, sufocados pelos dogmas dos “tempos de fé”, para assentar sua dominação sobre os cristãos e justificar a ordem do mundo pela qual ela vela, induzindo-os a atitudes e práticas pré-estabelecidas. Segundo Aquino, Franco e Lopes (2003, p. 504) era esse, então,

[...] o trabalho dos Doutores da Igreja: Santo Ambrósio, Santo Agostinho, São Jerônimo. Seus esforços concentraram-se na organização da disciplina e do culto, na fixação dos dogmas e da moral, a fim de fortalecer sua unidade e dar aos homens da época como que um código de ética que norteasse as suas ações, dizendo-lhes, de antemão, o que era certo e o que era errado, o que era o Bem ou o Mal. A Igreja assumia, assim, a tarefa de pensar por todos os homens da época. Por isso, as idéias religiosas eram colocadas em termos absolutos e inquestionáveis sob a forma de dogmas e de uma moral rígida.

A sexualidade, segundo os ensinamentos cristãos, só era permitida às pessoas com objetivo de reprodução. Conforme Nogueira (2004, p. 165), “[a] sexualidade, origem da queda do homem, é, para o Cristianismo, o pecado por excelência, e, para a mentalidade eclesiástica, a luxúria compunha o cenário privilegiado onde se desenvolvia o drama demoníaco [...]”.

Desse modo, pode-se pensar que essa instituição dogmática se inseriu como um modelo para definições de “naturalidade e normalidade sexual”, para as quais se instauram regras e normas. Percebe-se, portanto, que o discurso sobre o “saber sexual” já se mostrava como alvo de recusa e de renúncia carnal, de acordo e, ao mesmo tempo, desacordo com suas práticas, perante a sociedade, mais especificamente, perante a Igreja. Porém, nem sempre essa renúncia pregada pela Igreja era exercida por seus membros; o desrespeito dos votos de castidade por parte do clero era freqüente, pois se sabe que muitos padres viviam em concubinato, quando não eram plenamente casados, fato ignorado, muitas vezes, pelos bispos, que intervinham apenas se houvesse escândalo. No entanto, prescreviam aos leigos o casamento para melhor controlá-los (ROSSIAUD, 2002, p. 477-483). Assim, entende-se que a sexualidade foi magistralmente regulada, o impulso e o desejo carnal, amplamente reprimidos, na tentativa de se alcançar um ideal de vida sublime.

A escolha das cantigas de escárnio e maldizer para esse estudo deu-se pelo fato de se apresentarem como fontes importantes para o exame do imaginário acerca da sexualidade dos religiosos, pois o vocabulário dos textos pertencentes a esse gênero é fonte riquíssima dos usos lingüísticos medievais. Os textos escarninhos medievais ficaram, por muito tempo, esmaecidos, diante de outros cuja temática, amorosa ou épica, não desafiavam as normas sociais, sempre consagradoras de uma sintaxe dos valores, costumes e práticas. Vale ressaltar que não se quer fomentar a angústia estéril da crítica tradicional acerca de tais textos: se seriam ficcionais ou reais. Segundo Sodré (2007, p. 141), “o jogo entre o ficcional e o histórico ganha dimensões hoje dificilmente apreensíveis”. Entende-se que tais textos são documentos construídos social e historicamente, podendo por isso, ser tomados como testemunho da construção social da sexualidade dos religiosos. Além disso, segundo Sodré (apud, Benjamim Liu, 2007, p. 141), refletem sobre um aspecto que nos interessa particularmente:

As cantigas satíricas galego-portuguesas servem para divertir e disfarçar a intencionalidade da invectiva, por trás da desculpa eufêmica de que é ‘apenas uma brincadeira’. O gracejo tendencioso desvia a intenção crítica, mas oculta, subjacentemente à sua ludicidade, uma vontade cruel de injuriar. Escapasse a brincadeira do jogo de linguagem, ela não seria um gracejo, mas uma fonte de insulto e ofensa (Versão nossa)¹

Marques (1996, p. 247) assegura que “[...] a poesia satírica da época soube transmitir um retrato das faltas mais freqüentes e mais chocantes que achavam no clero seu comportamento. Dos vários vícios do corpo às muitas moléstias da alma, aí perpassa o clero, no mais real da sua condição humana”.

Será, pois, sobre esse cenário que envolve a temática da sexualidade que se almeja realizar uma breve classificação sobre o estudo do campo lexical dos “verbos de ação” relacionados ao ato sexual². Portanto, objetiva-se, nesse estudo, configurar parte do campo lexical da sexualidade dos religiosos dentro das cantigas de escárnio e maldizer galego-portuguesas editadas por Lapa (1970) e Lopes (2002). Assim, diferentes sincronias, diferentes comunidades configurarão, mediante as necessidades dos falantes (valores sociais, ideológicos, culturais), parâmetros da sua variedade de língua, obviamente com sua estruturação lexical. Segundo Greimas (1966, p.11, 28) ‘o mundo humano se define essencialmente como o mundo da significação. Percebemos diferenças e, graças a essa percepção, o mundo ‘toma forma’ diante de nós e para nós’. Dessa forma, tem-se uma idéia mais aproximada das relações de conjunção e

¹ “The poetry of jokes of the CEM serves to divert and disguise the intentionality of invective, behind the euphemistic excuse that “it’s only a joke”. The tendentious joke deflects criticism of its intention, but conceals behind its playfulness a cruel Will to injure. Were the joke to step out of its special zone of language games, it would no longer be a joke, but a source of insult and offense”.

² Vale salientar que o subcampo “ato sexual” faz parte de uma estrutura macro do “campo lexical da sexualidade dos religiosos em cantigas de escárnio e maldizer galego-portuguesas”, Estudo de Mestrado que se encontra em fase de conclusão.

disjunção das unidades lexicais, além de uma classificação conceitual que explique as diversas escalas ou níveis organizacionais das unidades léxicas.

O núcleo desse estudo enquadra-se na linha mestra da Lingüística Semântica com os estudos dos campos lexicais, que, no século XX, foram explorados especialmente pelos estudiosos Pottier (1968; 1977), Greimas (1996) e Coseriu (1991), que, por volta dos anos 60, na Europa, elaboraram métodos semelhantes de análise léxica. Essa análise ordena, de maneira mais explícita, os conteúdos léxicos, dentro de um campo lexical (grupos de palavras estreitamente relacionadas entre si pelo significado, geralmente agrupados sob um termo genérico), pondo à amostra o que esses itens lexicais possuem em comum, bem como aquilo que faz a especificidade de uns e outros.

Portanto, o campo lexical é, na perspectiva estrutural, um paradigma lexical formado pela articulação e distribuição de um contínuo de conteúdo lexical por diversas unidades existentes na língua e que se opõem entre si por meio de simples traço de conteúdo. Afirmar-se, assim, que um campo léxico compreende um conjunto de unidades lexicais que divide entre si uma zona comum de significação, com base em oposições imediatas. Pode-se afirmar, pois, que o léxico não é uma lista de unidades isoladas. Os campos lexicais são, portanto, classes relativamente abertas e implicam uma delimitação interior (identificada interiormente dentro do campo pela existência de oposições) e exterior (de um campo relativamente a outro).

Segue-se, com base no conceito de campo lexical, uma breve análise sêmica do conteúdo das lexias do subcampo do “ato sexual”, apresentando os traços sêmicos que unem e, ao mesmo tempo, distinguem o conteúdo de suas unidades.

1 ANÁLISE DO SUBCAMPO DO “ATO SEXUAL”

“Ambrar”, “cavalgar1”, “cobrir”, “foder”, “madeirar1” são lexias cujos conteúdos se unem pela presença do sema conjuntivo ‘ato sexual’ do subcampo, pertencendo, portanto, ao campo lexical da sexualidade dos religiosos.

1.1 AMBRAR

“Ambrar” é um signo oriundo do francês *ambler*. É registrado, no *corpus*, apenas uma vez, na cantiga *Abadessa, oi dizer* (L 37), do trovador Afonso Eanes do Coton.

[...] E per i podedes gaar,/mia senhor, o reino de Deus:/per ensinar os pobres seus/mais Ca por outro jajûar,/e per ensinar a molher/coitada, que a vós veer,/senhor, que no souber **ambrar**. (L 37, 28).

A referida unidade está projetada em um cenário que, segundo Lapa (1970), é uma ‘mistura do sagrado e do profano’, induzindo-se a pensar e conjecturar que a cantiga faz referência à sexualidade dos religiosos, pertencendo, assim, ao campo da sexualidade. Porém, nesse caso, apenas o contexto não é suficiente para que possa depreender, com maior segurança, os traços sêmicos da lexia. Portanto, se procedeu à consulta a algumas obras de referência:

[...] movimentar as ancas [...]; saracotear-se (MORAES, 1949-1959).

[...] movimentar as ancas (AULETE, 1881).

Dar às ancas; saracotear-se; fornicar (LAPA, 1970 - VCEM).

Assim, a partir do contexto em que é inserida a lexia “ambrar” em consonância com as acepções dos dicionários, pôde-se depreender o traço conjuntivo ‘ato sexual’ do subcampo.

Além do mais, os verbetes fornecidos por Moraes, Aulete e Lapa auxiliam na identificação do sema opositivo ‘remexer o quadril’. Percebe-se que Moraes e Aulete delimitam o sentido da unidade léxica ao modo de movimentar partes do corpo, durante o ato sexual. Por sua vez, Lapa faz uma relação mais precisa do sentido da lexia “ambrar”, quando acrescenta ao lema o sentido de “fornicar”, cujo significado é, por sua vez, contextualizado na cantiga em análise. Além do mais, Lapa difere o sentido de ‘movimentar as ancas’, de ‘dar às ancas’, que, segundo Moraes (1949), significa ‘deixar-se montar’, o que, de certo modo, confirma o sentido de sema conjuntivo do subcampo. Assim, a partir do contexto e das acepções fornecidas por Moraes e Aulete e, especialmente, por Lapa, no VCEM, crê-se que é plausível se depreender o traço conjuntivo ‘praticar o coito’ para o signo “ambrar”.

Conclui-se que o significado da lexia “ambrar” se compõe dos traços:

S1 = ‘ato sexual’;

S2 = ‘praticar o coito’;

S3 = ‘remexer o quadril’.

1.2 CAVALGAR 1

“Cavalgar1” é um signo com origem no latim falado *cabállicāre* datado do século XIII –(CUNHA, 1986). Tal lexia encontra-se registrado apenas uma vez, na cantiga *Ũa donzela jaz [preto d] aqui* (L 229), do trovador Martin Soárez³.

Ũa donzela jaz [preto d] aqui,/que foi agan’ũa dona servir/e non lhe soube da terra sair:/e a dona **cavalgou** e colheu [i]/Don Caralhote nas mãos; e ten,/pois lo á preso, ca está mui ben,/e non quer d’el[e] as mãos abrir. [...]. (L 299, v. 4).

Percebe-se que, no fragmento em que está inserida a unidade léxica “cavalgar1”, não é claro o sentido do signo. Porém, na análise contextual, se verifica que a referida unidade participa de um cenário exclusivamente sexual, onde está em jogo a honra de uma jovem abandonada por seu amante, que, ironicamente, é denominado por D. Caralhote. Assim, diante das evidências contextuais, julgou-se pertinente afirmar que a lexia “cavalgar” compartilha dos traços conjuntivos ‘ato sexual’ do subcampo e o traço ‘praticar o coito’. Após a depreensão dos referidos semas, procurou-se investigar, em algumas obras de referência, como a unidade léxica “cavalgar” se encontrava definida, com o intuito de se poder tentar encontrar outros traços desse signo. Foram encontradas as seguintes definições:

[...] estar colocado na mesma posição em que se fica montado a cavalo (VIEIRA, 1871).

[...] sentar-se escarranchado; passar por cima de [...] (AULETE, 1881).

[...] montar sobre; subir; cobri-la (MORAES 1949-1959).

³ O signo “cavalgar” encontra-se registrado na, referida cantiga dando possibilidades de distintas leituras, devido à ambigüidade interpretativa à qual os textos de modo geral estão expostos. Diante de tal situação, julgou-se pertinente a existência das unidades “cavalgar1” e “cavalgar2”. Desse modo, a partir da situação aludida e com as análises das acepções, pode-se inferir que o conteúdo da unidade “cavalgar1” apresentada na cantiga se inclui na esfera sexual, atrelando-se ao subcampo do ‘ato sexual’. No entanto, o contexto possibilita também outra leitura para a lexia “cavalgar”, que a denominaremos de “cavalgar2”, cujo sentido faz parte de outro paradigma léxico ‘montar sobre um animal’, que, no momento, não se faz representativo, nesse Estudo.

Observa-se que, no conjunto das acepções dicionarísticas apresentadas, se confirmam, de forma indireta, os semas anteriormente assinalados, e, em especial, a definição oferecida por Moraes ‘montar sobre; subir; cobri-la’. Além do mais, percebe-se que as definições do lema, de modo geral, auxiliam na depreensão do traço sêmico disjuntivo ‘colocar-se por cima com as pernas abertas’.

Pode-se afirmar que o conteúdo sêmico constitutivo da lexia “*cavalgar*1” é composto pelos traços:

S1 = ‘ato sexual’;

S2 = ‘praticar o coito’;

S4 = ‘colocar-se por cima com as pernas abertas’.

1.3 COBRIR

Segundo Cunha (1986), a unidade léxica “cobrir” é oriunda do latim *coopĕrĭre* e datada do século XIII. Esse signo é apresentado, no *corpus* do Trabalho, três vezes, em produções poéticas dos trovadores Afonso (D) López de Baian e Paai Gómez Charinho, ativos na segunda metade do século XIII, cujos fragmentos podem ser observados:

[...] E Don Afonso pois á tal sabor/de fazer boa casa, começar/a dev’[el] assi; e dê s i folgar/e jazer quand’ e quand’, u mester for;/descobri-la e **cobri-la** poderá/e revolvê-la, ca todo sofrerá/a madeira, e seerá-lhi em melhor. [...]. (L 304, v. 5, 26).

[...] E, meus amigos, par Santa Maria,/se madeira nova podess’ aver,/logu’ esta casa iria fazer/e **cobri-la**, e descobri-la-ia/e revolve-la, se fosse mester,/e se mi a mi a abadessa der/madeira nova, esto lhi faria. (L 59, v. 18).

Percebe-se que o contexto viabiliza a compreensão do cenário sexual ao qual a cantiga se refere. Trata-se de uma poesia a ser cantada diante de um grande público, em sua maioria, reis e grandes senhores. Talvez por isso, seu sentido seja um pouco obscuro, dando margem a várias interpretações, já que o equívoco é um recurso retórico utilizado pelos trovadores, na grande maioria de suas produções. Porém, não se tem dúvida de que se está diante de um contexto voltado para a esfera sexual cujo alvo são os religiosos, pois o comportamento sexual da abadessa é expressamente chufado nas produções. Além do mais, é perfeitamente observável o jogo semântico entre as lexias “cobri-la”, “descobri-la”, “revolve-la”, que sugerem o próprio movimento da relação sexual. Desse modo, torna-se pertinente a inclusão do sema conjuntivo ‘ato sexual’ do subcampo como parte constitutiva do conteúdo da lexia “cobrir”. No entanto, sabe-se que o conteúdo do signo “cobrir” não se resume exclusivamente a tal sema. Por isso, procurou-se pesquisar, em algumas obras de referência, os sentidos para a referida lexia, para que se pudesse tentar obter um conhecimento global do seu quadro sêmico.

Nas obras pesquisadas, a lexia “cobrir” aparece como:

[...] cobrir alguma coisa com outra; [...] fazer geração, [...] (BLUTEAU, 1712).

[...] ocultar sobre; estendendo-se sobre [...] (VIEIRA, 1871).

[...] envolver; fecundar; ter cópula (AULETE, 1881).

[...] ocultar ou resguardar estando ou pondo-se em cima; envolver; fecundar; ter cópula com (MORAES, 1949-1959).

[...] pôr por cima do corpo (LAPA, 1970 - VCEM).

Os verbetes apresentados nos dicionários, de modo geral, contribuem para a apreensão do traço sêmico conjuntivo ‘praticar o coito’, sema evidenciado especialmente em Bluteau, Aulete e Moraes. No entanto, não é muito esclarecedor, quanto ao traço disjuntivo. Todavia, apoiando-se nas definições da lexia “cobrir” fornecida por Lapa (1970) ‘pôr por cima do corpo’, Bluteau (1712), ‘cobrir alguma coisa por outra’, Vieira (1871), ‘estendendo-se sobre’ e em Moraes (1949-1959), ‘pondo-se em cima’, pode-se julgar pertinente a inclusão do sema disjuntivo ‘colocar-se por cima da fêmea’.

Por fim, assinala-se que o conteúdo sêmico da unidade “cobrir” se forma pelos traços:

S1 = ‘ato sexual’;

S2 = ‘praticar o coito’;

S5 = ‘colocar-se por cima da fêmea’.

1.4 FODER

A lexia “foder”, de origem latina - *fūtēre* - e datada do século XIII (CUNHA, 1986), encontra-se registrada dezesseis vezes, em cantigas de Afonso (Rei D) de Castela e de Leão, Afonso Eanes do Coton, Afonso Gómez Jograr de Sarria e Fernand’ Esquio. Observa-se que essa lexia, além de se apresentar em maior quantidade, é também a que abarca um maior número de cantigas de diferentes trovadores, o que demonstra ser um signo bastante utilizado nas produções poéticas dos trovadores galego-portugueses.

No que se refere ao sentido da lexia “foder”, pode-se verificar que os usos contextuais oportunizam a obtenção de informações a respeito do seu conteúdo:

Ao daian de Cález eu achei/livros que lhe levavan d’aloguer;/e o que os tragia preguntei/por eles, e respondeu-m’ el: - Senher./copn estes livros que vós veedes dous/e conos outros que el ten dos sous,/fod’ el per eles quando **foder** quer. [...]. (L 23, v. 7, 14, 15, 19, 21, 25, 27, 33; L 37, v. 7, 10, 12, 17, 19; L 147, v. 3, 19).

Martin Moxa, a mia alma se perca/pólo **foder**, se vós pecado avedes,/nen por bõos filhos que fazedes;/mais avedes pecado póla erva/que comestes, que vos faz viver/tan gran tempo, que podeis saber/mui ben quando nasceu Adan e Eva. [...]. (L 55, v. 2).

Verifica-se que a lexia “foder”, nos fragmentos das cantigas de escárnio e maldizer apresentadas, não deixa dúvida, quanto ao seu sentido. Constata-se, a partir do contexto, o elo semântico entre o signo “foder” e o subcampo em que a lexia está inserida. Nessa perspectiva, acredita-se que seja pertinente a inclusão do traço sêmico conjuntivo ‘ato sexual’ do subcampo como parte constitutiva da unidade léxica “foder”.

Embora o contexto dê indícios para, possivelmente, se depreenderem outros traços constitutivos do signo, julgou-se necessário consultar algumas obras de referência, para que, assim, se pudessem aferir, com maior segurança, outros traços sêmicos para a unidade léxica:

[...] ter relações carnavais (MORAES, 1949-1959).

[...] termo obsceno e popular, ter ajuntamento carnal com uma mulher (VIEIRA, 1871).

[...] copular, ter ajuntamento carnal com. [...] (AULETE, 1881).

Verificou-se que os verbetes apresentados se mostram, de modo geral, simétricos, quanto ao sentido para a lexia “foder”. Observa-se, na definição de Aulete, o uso do signo “copular” como sinônimo para a referida unidade. Assim, a partir da análise das acepções,

conjuntamente ao seu contexto, se pôde conjecturar para a unidade léxica o traço sêmico ‘praticar o coito’.

Ao que parece, a lexia “foder” funciona como arquilexema do subcampo ‘ato sexual’, pois sua unidade semântica equivale ao conteúdo unitário de todo o subcampo.

Pode-se concluir que o conteúdo sêmico constitutivo da lexia “foder” é composto pelos traços:

S1 = ‘ato sexual’;

S2 = ‘praticar o coito’.

1.5 MADEIRAR 1

A lexia “madeirar” (madeira + -ar), do latim *materiare* tem origem do substantivo feminino “madeira”, que, por sua vez, é oriundo do latim *materiā*. Essa lexia encontra-se registrada apenas uma vez, na cantiga (L 59) do trovador Afonso (D) López de Baian.

[...] E quen mi a disse, sempr’ o serviria,/ca mi faria i mui gran prazer/de mi fazer madeira nova aver,/em que lavrass’ ãa peça do dia,/e pois ir logo a casa **madeirar**/e telha-la; e, pois que a telhar,/dormir em ela de noit’ e de dia. [...]. (L 59, v. 12).

Observa-se que o referido signo é registrado em um contexto que permite conjecturar que o seu conteúdo faça parte do campo da ‘sexualidade dos religiosos’. Além do mais, a lexia “madeirar1” surge acompanhada de outras lexias pertencentes a tal paradigma, como as unidades “madeira” e “casa”, que fazem parte do subcampo 4.2 ‘órgãos sexuais’, já analisados, semanticamente, em outro momento desse Trabalho. O próprio contexto da cantiga, através da ambigüidade interpretativa apresentada por alguns signos, sugere um sentido erótico-sexual. As lexias “telhá-la”, “revolvê-la”, “descobri-la”, dentre outras, levam a se pensar no imaginário sexual, marcado, de certa forma, pelas ações que condizem com os movimentos de uma relação sexual. Portanto, a partir do contexto, se pode cogitar que o traço conjuntivo ‘ato sexual’ do subcampo faça parte do conteúdo da unidade léxica “madeirar1”.

O contexto é, sem dúvida, muito importante para se compreender o sentido empregado para o signo “madeirar1”. Porém, faz-se prudente que se recorra a outras fontes de informação, como as obras de referência, para que, dessa forma, se possam detectar, com maior exatidão, outros traços sêmicos constitutivos dessa unidade. Assim, procedeu-se ao estudo em fontes dicionarísticas e no VCEM, que definem a referida lexia como:

[...] pôr a armação de madeira, acima dos frechoes; assentar toda a madeira, barrotar, vigar, cobrir (VIEIRA, 1871).

[...] pôr a armação de madeira em: cobrir com madeira (AULETE, 1881).

[...] pôr a armação de madeira que vai para cima das frechas (BLUTEAU, 1712).

[...] ter relações sexuais (LAPA, 1970 - VCEM).

Observa-se que as acepções fornecidas por Vieira, Aulete e Bluteau são, basicamente, iguais e auxiliam, mais claramente, na depreensão de traços sêmicos que corroboram a construção de outro paradigma para a lexia “madeira”, que, no caso, será designada “madeira2”. No entanto, verifica-se que essas mesmas definições apresentam, em seu contexto, a lexia “cobrir” (cujo sentido pode estar relacionado a ‘sobrepor algo’) como sinônimo de “madeirar”. Dessa forma, torna-se possível, mesmo que veladamente, considerar a lexia “madeirar1” como pertencente à esfera sexual. Essa hipótese pode ser corroborada com a definição fornecida por

Lapa ('ter relações sexuais'), que, em especial, permitiu que se inferisse na unidade léxica "madeirar1" o traço sêmico 'praticar o coito'. Além do mais, mesmo que indiretamente, as acepções em sua totalidade, juntamente com o contexto, permitem que se depreenda o traço sêmico 'colocar-se por cima da fêmea'.

Portanto, conclui-se que o conteúdo sêmico constitutivo da lexia "madeirar1" compreende os seguintes traços:

S1 = 'ato sexual';
S2 = 'praticar o coito';
S5 = 'colocar-se por cima da fêmea'.

1.6 SÍNTESE DO SUBCAMPO 'ATO SEXUAL'

As unidades "ambrar", "cavalgar", "cobrir", "foder" e "madeirar1" encontram-se em relação de conjunção, pois compartilham dos semas 'ato sexual' do subcampo e 'praticar o coito' e, em relação de disjunção, pelos semas 'remexer o quadril', 'colocar-se por cima com as pernas abertas' e 'colocar-se por cima da fêmea'. Destaca-se aí a lexia "foder", que funciona como arquilexema do subcampo 'ato sexual'.

A análise sêmica do subcampo 'ato sexual' é constituída pelos traços:

S1 = 'ato sexual';
S2 = 'praticar o coito';
S3 = 'remexer o quadril';
S4 = 'colocar-se por cima com as pernas abertas';
S5 = 'colocar-se por cima da fêmea'.

	S1	S2	S3	S4	S5
Ambrar	+	+	+	-	-
Cavalgar1	+	+	-	+	-
Cobrir	+	+	-	-	+
Foder	+	+	+/-	+/-	+/-
Madeirar1	+	+	-	-	+

Quadro 1: Análise do subcampo 'ato sexual'.

CONCLUSÃO

Para concluir essa etapa do Trabalho, salienta-se que se pôde observar a importância do contexto para a apreensão dos sentidos das lexias e também verificar, muitas vezes, as limitações das obras lexicográficas, constatando-se a necessidade de estudos lexicográficos e lexicológicos relativos às primeiras fases do português arcaico. Gomes (2003, p. 14-24) destaca a importância de fazer semântica, quando diz que "fazer semântica é representar a extrema humildade e perícia metodológica de compreender que a significação completa escapa a qualquer teoria e que o máximo a ser conseguido é descrever algumas propriedades do significado modestamente construído". Assinala, ainda, a autora, que "[...] tratar do significado, hoje, se estende do nível lexical às relações paradigmáticas, dessas à interação de significados no plano sintagmático e dos mecanismos de interpretação de frases, à análise da enunciação" (GOMES, 2003, p. 14-24). Por fim, o nosso Estudo justifica-se não só pela contribuição de interpretação e compreensão das cantigas satíricas galego-portuguesas analisadas. Ele contribui,

sobretudo, para o conhecimento, ainda que parcial, do léxico da modalidade literária das primeiras manifestações sincrônicas do português, no campo semântico, e, de forma especial, para os estudos dos campos lexicais referentes à sexualidade dos religiosos.

REFERÊNCIAS

- ALVAR, Carlos. *Poesía de trovadores, trouvères y minnesinger: de principios del siglo XII a fins del siglo XIII*. Antologia. Madrid: Alianza, 1995.
- AQUINO, Rubim Santos Leão de; FRANCO, Denize de Azevedo; LOPES, Oscar G. Pahl Campos. *História das sociedades: das comunidades primitivas às sociedades medievais*. 19. ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 2003.
- AULETE, Francisco. *Diccionario Contemporaneo da Lingua Portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1881. 2v.
- BLUTEAU, Raphael. Vocabulário português e latino, áulico, anatomico, architetonico... Coimbra: Colégio Real das Artes, 1712-1713. 8 v.
- COROMINAS, J. ; PASCUAL, J. A. *Diccionario crítico etimológico castelhano e hispânico*. 3. Reimp. Madrid: Gredos, 1991.
- COSERIU, Eugenio. *Principios de semántica estructural*. Vers. Esp. Marcos Martínez Hernández. 2. ed. Madrid: Gredos, 1991.
- CUNHA, Antônio Geraldo da et al. *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- GOMES, Claudete Pereira. *Semântica estrutural*. In: _____. *Tendências da Lingüística*. Ijuí: Injuí, 2003.
- GREIMAS, A. J. *Semantica estrutural: pesquisa de método*. Tradução Haquira Osakabe e Izidoro Blikstein. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1966.
- GUIRAUD, Pierre. *A semântica*. Tradução Maria Elisa Mascarenhas. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 1975.
- LAPA, Manuel Rodrigues. *Cantigas d'escarnho e mal dizer dos cancioneiros medievais galego-portugueses*. 2. ed. Coimbra: Galaxia, 1970.
- LE GOFF, Jacques; TRUONG, Nicolas. *Uma história do corpo na Idade Média*. Tradução Marcos Flamínio Peres. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- LE GOFF, Jacques. Além. In : LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude. (Org.) *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. Tradução Hilário Franco Júnior. Bauru: EDUSC, 2002. 2v.
- LOPES, Graça Videira. *Cantigas de escárnio e maldizer: dos trovadores e jograis galego-portugueses*. Lisboa: Estampa, 2002. (Obras clássicas da Literatura Portuguesa).
- MARQUES, A. H. de Oliveira. *Portugal em definição de fronteiras: do condado portugalense à crise do século XIV*. Lisboa: Presença, 1996.
- MINOIS, Georges. *História do riso e do escárnio*. Tradução Maria Elena O. Ortiz Assumpção. São Paulo: UNESP, 2003.
- MORAES SILVA, Antonio de. *Grande dicionário da línguas portuguesa*. 10. ed. Lisboa: Confluência, 1949-1959. 12 v. (Edição sucessiva refeita por Augusto Moreno Cardoso Júnior e José Pedro Machado)
- NOGUEIRA, Carlos R. Figueiredo. *Bruxaria e história: as práticas mágicas no ocidente cristão*. Bauru: EDUSC, 2004.
- POTTIER, Bernard. A definição semântica nos dicionários. In: LOBATO, Lúcia Maria Pinheiro. *A semântica na lingüística moderna: o léxico*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.
- POTTIER, Bernard. Hacia uma semântica moderna. In: _____. *Lingüística moderna y filologia hispânica*. Vers. esp. Martín Blanco Álvarez. Madrid: Gredos, 1968a.

- RICHARDS, Jeffrey. *Sexo, desvio e danação: as minorias na Idade Média*. Tradução Marco Antonio Esteves da Rocha e Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.
- ROSSIAUD, Jacques. Sexualidade. In: LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude. (Org.) *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. Tradução Hilário Franco Júnior. Bauru: EDUSC, 2002.
- SODRÉ, Paulo Roberto. Uns com otros contra natura, e costũbre natura: sobre a sodomia na sátira galego-portuguesa. *Signum, revista da associação brasileira de estudos medievais*, São Paulo, n. 9, p. 121-150, 2007.
- VIEIRA, Frei Domingos. *Grande diccionario portuguez ou thesouro da lingua portuguesa*. Porto: Ernesto Chardron; Bartolomeu H. de Moraes, 1871. 5 v.
- VITERBO, FR. Joaquim de Santa Rosa de. *Elucidário das palavras, termos e frases que em Portugal antigamente se usaram e que hoje regularmente se ignoram: obra indispensável para entender sem erro os documentos mais raros e preciosos que entre nós se conservam*. Porto: Livraria Civilização, 1983. 2v. Edição Crítica por Mario Fiúza